NOVELLAE OLIVARUM

ANO XV NÚMERO 147 DEZEMBRO 1957

NA LUZ DO NATAL — CRISTO, REVELAÇÃO DE JESUS — Padre J. A. de Sousa 315

FILOSOFIA CRISTÃ E FILOSOFIAS CONTEMPORÂNEAS — P.e Honorato Rosa 320

UM INQUÉRITO SOBRE O CINEMA — José Vieira Marques 326

LIVROS NOVOS — T. O. / M. Ferreira / H. V. Franco 337

CRÓNICA — J. Policarpo 340

MISSIONOLOGIA 342

SUMÁRIO DE 1957 345

Sociedade Industrial Metalúrgica

S. A. R. L.

SERRALHARIAS

Rua de S. Tiago, 13 — LISBOA

APARELHAGEM ELÉCTRICA
PARA ALTA E BAIXA TENSÃO
QUADROS BLINDADOS
para fábricas, oficinas e minas
Acessórios para
instalações eléctricas

CREL

CONSTRUÇÕES
E REPARAÇÕES
ELÉCTRICAS, L.DA

Telefones: P. P. C. 66 2134 e 66 1135

Rua dos Industriais, 7
(às Côrtes)

— LISBOA —

ÓRGÃOS PARA MÚSICA SACRA

WURLITZER ORGAN

O órgão aprovado pelo

Vaticano

CASA RUVINA Rua Formosa, 173 — PORTO

NOVELLAE OLIVARUM

Director — JOÃO RODRIGUES
Redactores — HELDER VERÍSSIMO FRANCO — MÁRIO FERREIRA BACALHAU
Administradores — CARLOS ALBERTO SIMÃO — ANTÓNIO HENRIQUE OLIVEIRA
Proprietário e editor — ANTÓNIO DE JESUS ESCUDEIRO

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI — OLIVAIS
COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Composição e impressão na Gráfica de Gouveia, Ld.ª — Gouveia — Telef. 174

NA CATEQUESE ◆ NA ESCOLA ◆ EM SUA CASA

Aparelhos de Cinema e Projecção fixa

FILMES E
DISPOSITIVOS

Culturais recreativos
e religiosos



Rua S. Nicolau
22
LISBOA

R. S. Catarina
315
PORTO

Consulte... ...Sempre

Pathé-Baby Portugal, L.da

Viúva Macieira & Filhos
CASA FUNDADA EM 1804
Fábrica de papel para escrever, impressão e embrulho
Armazém de papeis nacionais, estrangeiros e papelão
PAPELARIA
Trabalhos tipográticos em todos os géneros
Telefones: P.P.C.A. 31721/2
R. da Madalena, 10 a 22 **LISBOA**

União Gráfica

S. A. R. L.

Sede: Rua de Santa Marta, 48

LISBOA

Livraria — As últimas novidades literárias.

Tipografia — Execução perfeita de todos os trabalhos tipográficos.

Editorial — Numerosas obras de grande interesse. Editora dos apreciados romances de *Nuno de Montemor*.

Objectos religiosos—O maior sortido, aos mais baixos preços.

Paramentaria—Confecção de paramentos que se impõem pela sua qualidade e esmerado acabamento.

Proprietária do diário *Novidades*, da revista de actualidades *Flama*, do semanário *A Guarda* e da publicação bi-mestral *Selecção Documental*.

Missal Romano

Para todos os dias do ano, com sacramentário e devocionário em papel bíblia contendo 1250 páginas.

Preços:

Encadernação em percalina — 40$00
« « pergamóide 60$00
chagrin c/ folhas douradas — 110$00

Pequeno Missal

Para domingos e festas, com sacramentário e devocionário.

Preço:

Encad. em muito boa percalina — 20$00

Novo Testamento

Traduzido do grego e anotado pelo Cónego Dr. José Falcão — 40$00

Pedidos à União de São João

Gráfica de Gouveia L.da - GOUVEIA



Se não vê...

Se não vê bem será bom consultar um especialista. Depois... depois venha à nossa casa onde encontrará as melhores lentes e armações.

ALTA qualidade a baixos PREÇOS

HORÓPTICA, LDA

OCULISTA

Rua de Santa Justa, 7 — LISBOA

NA LUZ DO NATAL

CRISTO, REVELAÇÃO DE DEUS

«Per incarnati Verbi mysterium nova mentis nostrae oculis lux tuae claritatis infulsit» (Prefácio do Natal).

Quem alguma vez lançou o olhar sobre o mundo das religiões para delas elaborar um estudo comparativo não deixará de reconhecer que elemento exclusivo do Cristianismo é um profundo sentido de íntima associação com a Divindade, de admirável aproximação entre Deus e o homem, em autêntico regime de amizade pessoal nas relações entre Deus e o crente. Analisando mais a fundo a sublime familiaridade que informa a vida religiosa do cristão, não é difícil concluir que ela foi totalmente devida a uma inesperada e amorosa iniciativa de Deus, que se dignou intervir pessoalmente na vida do homem para lhe abrir novos horizontes de Verdade, Amor e Vida, pela comunicação da Sua Verdade, do Seu Amor e da Sua vida, — inefáveis valores divinos, transformados em bens do homem.

As demais religiões, e de modo muito particular, as religiões de carácter naturista, porque estão profundamente influenciadas pelo temor do homem perante as forças misteriosas que o rodeiam, assentam em larga escala sobre uma certa emoção sagrada a que não corresponde um termo pessoal. A religiosidade por elas vinculada reveste formas vagas e indeterminadas, em virtude de não colocar o homem em face de Alguém *que, embora transcendente, não deixe de ser* Um Outro *com quem se possa estabelecer diálogo de mútua compreensão e amizade.*

É certo que não é difícil a quem quer que percorra com reflectida interioridade a estrada da vida, tomar consciência de que se encontra envolvido num Mistério que, por um lado, o penetra até ao mais íntimo do

seu ser, mas que, por outro lado, o ultrapassa irremediàvelmente, deixando-o na inquietação de um apelo tão constante como impreciso. Pode o homem dar-se conta de que algo se atravessa no caminho da sua existência para lhe fazer sentir bem ao vivo as acanhadas dimensões das suas reais possibilidades, em contraste com o inequívoco pressentimento de que muito mais além vão as riquezas potenciais do espírito humano. Um dinamismo íntimo solicita contìnuamente o homem a transcender-se até alcançar a plenitude de uma vida superior na actividade moral, na «acção consciente», como diria Blondel.

Mas aqui surge o drama. Em face da infinita Realidade que suavemente o solicita e radicalmente o transcende, o espírito humano sabe que esse vago anseio de ter parte no Mistério Divino a fim de viver em intimidade com Ele, não encontrará outra resposta que não seja um amargo silêncio. O conhecimento que por nós mesmos podemos adquirir a respeito de Deus jamais nos impedirá de nos sentirmos como exilados num mundo que não encontra eco fora dele. Se Deus pudesse ser conhecido tal como é pelo homem, não seria mais Deus, mas tão sòmente um ser feito à medida, — pobre medida! — do homem.

A estas dificuldades derivadas da inevitável finitude da criatura racional acresce uma outra, qual é a reconciliação com Deus após o pecado. Como pode o homem conhecer o plano de Deus a seu respeito depois que O ofendeu conscientemente?

A resposta a todos estes angustiosos problemas depende, em toda a linha, de uma livre iniciativa da parte de Deus.

Jamais seria dado ao homem desejar e atingir intimidade de conhecimento e amor com Deus, se o mesmo Deus não o tivesse precedido *tanto em despertar-lhe tal aspiração como em provocar um «encontro» de amizade, pela iluminação da Fé. Com fina exactidão psicológica e teológica escreveu Pascal que nós não encontraríamos Deus se não O tivéssemos já encontrado, quer dizer, se Ele não nos tivesse encontrado primeiro a nós.*

É bem verdade, pois, que não poderíamos conhecer os mistérios da vida íntima de Deus e a natureza das nossas relações com Ele, se o Seu Amor não O tivesse levado a comunicar-se, a revelar-se, a estabelecer diálogo com o homem em regime de autoridade, — o homem posto em frente de uma Pessoa, do «Tu absoluto», conforme se exprime G. Marcel. Foi o Deus vivo e pessoal de que nos fala a Escritura desde a primeira página do Géneses, que em gesto de amor se voltou para a humanidade,

entrou em diálogo com os homens, revelando-Se-lhes por meio de uma Palavra que é ao mesmo tempo luz e vida, luz para a inteligência e vida para o coração.

Está aqui toda a história da salvação, que não é mais do que a história humana transmudada em história divina, pelo facto de Deus ter intervindo pessoalmente no mundo, primeiro, pelos Profetas, Seus arautos, e depois por Cristo, Seu próprio Filho: «Deus, depois de outrora ter falado a nossos pais em muitas ocasiões e de muitos modos, recentemente, nestes tempos que são os últimos, falou-nos no Seu próprio Filho» (Hebr. I, 1).

Às manifestações fragmentárias do Mistério Divino no Antigo Testamento seguiu-se a total e definitiva revelação de Deus em Cristo, na plenitude dos tempos, em ordem à realização do plano da salvação: «A vida eterna é que os homens te conheçam, a Ti único verdadeiro Deus, e Àquele que Tu enviaste, Jesus Cristo» (Joan. XVII, 3). O destino eterno do homem está pois dependente do conhecimento de Deus por Jesus Cristo. Neste sentido escreveu Pascal que para nós não pode haver conhecimento de Deus senão por Jesus Cristo. Só Ele, de facto, nos comunica o conhecimento que possa fundamentar na verdade as nossas relações com Deus, manifestando-nos o Mistério da vida divina para vivermos em comunhão com esta mesma vida pelo dom da graça. «A Deus ninguém jamais O viu; o Filho Único, que está no seio do Pai, é que O deu a conhecer» (Joan. I, 18).

Se podemos falar de Deus é porque o próprio Deus nos falou de Si mesmo, observa com acerto o Padre Daniébou, que retoma para a completar uma afirmação equívoca de K. Barth: «Só Deus pode falar de Deus» (Dieu et nous, *p. 10). Em Cristo temos Deus a falar-nos de Deus. O único Deus verdadeiro, escreve Santo Inácio de Antioquia, «manifestou-se por meio de Jesus Cristo, Seu Filho, que é a Sua Palavra, saída do silêncio» (aos* Magnésios, *VII, 2), e «a boca infalível pela qual o Pai nos falou com toda a verdade» (aos* Romanos, *VIII, 2). É que «a boca do Senhor é o Verbo», e por isso, se «as criaturas conhecem Aquele que as criou», é porque «a boca do Altíssimo lhes falou»* (Odes de Salomão, *XII, 3, 10).*

Razão, pois, tem o Padre Montcheuil para advertir que tudo em Cristo é revelação de Deus. N'Ele conhecemos o Mistério Divino não apenas pela Sua Palavra, rica de certeza e de transcendência porque Cristo falava das coisas divinas como quem viu *(cfr. Joan. III, 11), senão também pela Sua própria Pessoa* (Leçons sur le Christ, *p. 87 e segs.). Jesus*

de Nazaré não é um simples enviado para trazer aos homens uma mensagem de Deus. Ele mesmo é a «Mensagem», porque é o Verbo de Deus, a expressão perfeita do Pai, a definição infinita do Infinito, a «Palavra» substancial e subsistente de Deus. E por isso quem O vê, vê o Pai (Joan. XIV, 9). Ler o Evangelho com o exclusivo intuito de estudar as palavras de Cristo é sujeitar-se a não apreender toda a inexaurível riqueza da Revelação cristã.

Mas o que é que Cristo nos revelou de Deus? Na fase da Aliança com Israel, começa Deus a revelar-se ao homem pela manifestação de certos aspectos «morais» ou «dinâmicos» do Seu Mistério transcendente: são «os costumes» de Deus nas suas relações com a humanidade, para usar da expressão do Padre Daniébou (op. cit., p. 102). Através das Suas obras admiráveis, o Senhor manifestou-nos a Sua natureza, conduzindo progressivamente o espírito humano ao conhecimento do Deus vivo tal como Ele é em Si mesmo. Mas enquanto o Antigo Testamento nos mostrava o Deus Único a fazer Aliança com Israel, o Novo Testamento coloca-nos em presença do DEUS TRINO a comunicar-se em Cristo e por Cristo. E é no dom que o Deus Trino nos faz da Sua própria vida que o mistério da Trindade ao mesmo tempo se nos comunica e se nos revela.

Eis, pois, qual o objecto fundamental da revelação de Deus em Cristo: o mistério da Trindade. O Novo Testamento caracteriza-se tanto pela Incarnação do Verbo como pela Efusão do Espírito Santo, — factos estes a que em Teologia se dá o nome de «Missões» e que por isso mesmo implicam distinção pessoal entre o Pai, por um lado, e o Verbo e o Espírito, por outro. Ora o objectivo destas «Missões» não é outro senão o fazer-nos participar plenamente na vida trinitária de Deus pela adopção filial, que é o termo do plano divino da salvação (cfr. Eph. I, 3-6). E porque este dom da adopção foi tornado possível pelo amor com que Deus nos enviou o Seu Filho na Incarnação, foi merecido pela Redenção e é comunicado pelo Espírito Santo à Igreja, pode e deve dizer-se que Deus se manifestou como Pai, Filho e Espírito Santo pelo modo como realizou as Suas promessas de salvação na fase cristã da história santa. Quer dizer, é mediante a epifania da vida trinitária que o homem penetra no Mistério da vida íntima de Deus: Mistério de Deus e mistério do homem, porque a vida cristã, a que todos são chamados, não pode definir-se senão por referência ao seu inefável conteúdo (cfr. 1 Joan. I, 3). Não é o Baptismo um movimento do homem para a vida trinitária?

Uma palavra de S. João resume a revelação que do mistério Divino nos fez Cristo: «Deus é amor» (1 Joan. IV, 8). Deus é amor porque se ama em Trindade de Pessoas, — cada uma delas é «outro» em Deus, — e porque em gesto de pura misericórdia nos associou à infinita torrente de amor que une e atrai entre Si as Divinas Pessoas.

Deus não é apenas complacência em Si mesmo, como poderia supor a filosofia; Deus é também infinita benevolência que atinge a todos e a cada um dos homens, para que eles tenham «mais»: a participação na própria vida divina por uma comunhão de imanência vital em Cristo.

O Deus que o Evangelho nos revela não pode equiparar-se a uma Providência geral e colectiva, conclui o Padre Montcheuil (op. cit., p. 93). Jesus Cristo veio ensinar-nos o Deus-Pai da religião pessoal; veio conduzir-nos ao mistério da vida íntima de um Deus que é nosso Pai porque vivemos da Sua própria vida em regime de filhos.

E por isso mesmo não é outro o modo que Jesus nos manda usar na oração: «Pai nosso que estais no Céu»...

PADRE J. A. de SOUSA

FILOSOFIA CRISTÃ E FILOSOFIAS CONTEMPORÂNEAS

II

O documento mais importante do magistério da Igreja a propósito da temática filosófica de hoje é a Encíclica «Humani Generis» do Santo Padre Pio XII, datada de 12 de Agosto de 1950 e tornada pública a 21 de Agosto do mesmo ano.

Na época atormentada que é a nossa, intervém o magistério da Igreja no sentido de assegurar aos movimentos criadores a direcção autêntica, em fidelidade ao depósito da Revelação; denuncia, pois, «algumas falsas opiniões que ameaçam destruir os fundamentos da doutrina católica» e até «os próprios fundamentos da civilização cristã».

Intervindo, porém, em matéria filosófica, não é em nome da Filosofia e por razões filosóficas que a Igreja o faz, mas a partir da Fé e em vista da Fé. Não se pronuncia, portanto, não pode pronunciar-se, sobre os pontos numerosíssimos alheios à Fé e à Moral.

No documento em causa, assume esta intervenção duas modalidades diferentes: declarativa, a primeira; prescritiva ou exigitiva, a segunda.

A) *Intervenção declarativa:* A Igreja põe-nos em guarda contra certos erros filosóficos de hoje. Assim:

1.º) O «evolucionismo absoluto», de tendências monistas e panteistas, é falso. Conjuga-se, aliás, com o «materialismo dialético».

No «Vocabulário técnico e crítico da Filosofia», de A. Lalande, distinguem-se três significados do termo «evolucionismo»: o de «filosofia do devir, em oposição à filosofia do eterno, do imutável» (A); o de «Transformismo» (B); e o de «doutrina segundo a qual a lei geral de evolução dos seres é a diferenciação acompanhada de integração, lei por que se teriam sucessivamente formado o sistema solar, as espécies químicas, os seres vivos, as faculdades intelectuais, as instituições sociais» (C). Lalande acrescenta que o uso geral dos filósofos contemporâneos reserva ao termo este último significado (C).

Na Encíclica visa-se o significado geral (A) que o sentido (C) apenas vem precisar.

Condena-se, portanto, a concepção dos que, com temerária ousadia, «propugnam como extensivo à origem de todos os seres o sistema evolucionista que nem no campo das ciências naturais está indiscutivelmente demonstrado». Não se rejeita, pois, o

evolucionismo que diríamos biológico; dele se diz apenas que não ultrapassa ainda o nível de hipótese. O que se rejeita é o evolucionismo metafísico, negador de qualquer verdadeira causalidade.

2.º) Uma nova filosofia surgiu, na esteira da precedente, — o existencialismo — cujas «aberrações» foram por ela preparadas.

O citado «Vocabulário» de Lalande anota justamente, na pequena notícia que consagra ao existencialismo, que o termo abrange enorme variedade de doutrinas. Assim, como mais adiante se precisa na Encíclica, nem todo o existencialismo é condenado, mas tão só as formas do existencialismo ateu ou anti-metafísico; este último, definido pelo facto de rejeitar as essências imutáveis das coisas para se ater à «existência» dos indivíduos. Importa grandemente não esquecer que o termo «existência» não designa aqui o carácter de realidade de um objecto, mas um certo «modo de ser», contingente, fluente, essencialmente ligado à temporalidade, peculiar ao homem, construtor de si próprio em permuta com o mundo e com outrem.

De tal doutrina diz a Encíclica que não é mais aceitável do que o Idealismo, o Imanentismo e o Pragmatismo.

Por «Idealismo», cito de novo o «Vocabulário» de Lalande, «entende-se a tendência filosófica que consiste em reduzir toda a existência ao pensamento, no mais largo sentido da palavra pensamento. O idealismo opõe-se, pois, ao realismo ontológico».

O «Imanentismo» (que se não deve confundir com o «método de imanência») é doutrina muito difícil de precisar, mais religiosa que filosófica, anti-intelectualista, professando uma imanência de Deus no homem inconciliável com a transcendência divina e o autêntico sobrenatural. Foi condenado já na Encíclica «Pascendi» de Pio X.

O «Pragmatismo» consiste em afirmar que o conhecimento é um instrumento ao serviço da actividade, que o pensamento tem carácter essencialmente teleológico, que, em última análise, a verdade se reduz à utilidade.

3.º) Como ligado a estas correntes, o Papa denuncia ainda o falso «historicismo» que se atém apenas aos acontecimentos da vida humana — todos justificados pelo simples facto de o serem — e «subverte os fundamentos de toda a norma absoluta do pensamento ou da conduta».

O erro comum às três tendências condenadas é o *relativismo,* o repúdio de «tudo o que é absoluto, firme e imutável»:

— relativismo do conhecimento (desconfiança da razão, dos seus conceitos, dos seus raciocínios);

— relativismo do real (substituido o ser pelo devir, a natureza pela condição, o consistente pelo precário).

A Encíclica sublinha, ao invés, — em epistemologia: o valor da razão e do conhecimento mediante *conceito,* a um tempo, *universal* (contra certo existencialismo) e *definitivo* (contra o historicismo); — em metafísica: a verdade dos princípios de razão suficiente, de causalidade e de finalidade (contra o evolucionismo). Trata-se

de salvaguardar a transcendência absoluta de Deus e a realidade da Sua presença criadora que confere consistência ao ser e estabilidade ao conhecimento.

Ultrapassa, evidentemente, o âmbito deste trabalho puramente panorâmico mostrar: 1.º) que as tendências condenadas são, infelizmente, características acentuadas dos «caminhos por onde enveredam hoje muitos homens cultos»; 2.º) que essas tendências são de todo incompatíveis com a abertura à Fé cristã, de forma que a defesa desta autoriza a Igreja a denunciá-las e condená-las. É evidente que o «relativismo» erigido em princípio se afirma como rejeição de Deus e não menos evidente é, para quem esteja um pouco informado das filosofias do nosso tempo, em especial as Filosofias da matéria (vg. Neo-positivismo e materialismo dialéctico), as Filosofias da Vida (vg. Pragmatismo, Historicismo), algumas Filosofias da existência (como as de Heidegger, Sartre, Merleau-Ponty), a presença nelas desse denunciado «relativismo» ôntico e ontológico que ameaça a própria existência da filosofia e faz que Bréhier termine o seu livro «La Transformation de la Philosophie française» com um grito de alarme: «Nous sommes dans cette situation périlleuse ou la philosophie risque de s'évanouir en non-philosophie».

Não será este o único domínio em que a luta da Igreja pela defesa do homem cristão é luta pela defesa do próprio homem enquanto simplesmente homem. Já pôde ser verificado que o homem não se aguenta em plano puramente humano: ou dá a mão ao convite a transcender-se, a ultrapassar-se, no Cristianismo, ou decai em sub-humanidade, em barbárie mais ou menos civilizada. A decadência do Cristianismo num lugar tem marcado, em geral, a regressão do humano.

A todo o pensador católico incumbe o defender-se, sem compromisso, sem falso «irenismo» ou pacifismo, destas erradas tendências.

Quer isto dizer que lhe não resta para o futuro mais que retirar-se para bela e segura torre de marfim, cortando contacto com o infecto mundo de hoje?

De forma alguma é esse o pensamento do Papa que tão a claro pôs a necessidade de acção, por parte dos católicos, na construção de um mundo que, se for feito sem eles, será feito contra eles. Aliás, num Breve por Pio XII dirigido ao XXI Congresso Internacional da Pax Romana, realizado em Amsterdam, de 19 a 27 de Agosto, Breve datado de 6 dias antes da «Humani Generis», escreve o Papa: «Saudando o Congresso da Pax Romana, vemos perfilar-se a vosso lado a imensa multidão dos nossos filhos, os estudantes e intelectuais católicos do mundo inteiro. A todos eles, como a vós próprios, recomendamos com imperiosa exigência estes dois deveres: *presença ao pensamento contemporâneo, serviço da Igreja.* Em toda a parte estai presentes na vanguarda do combate da inteligência, na hora em que esta se esforça por encarar os problemas do homem e da Natureza nas dimensões novas em que de hoje em diante eles se põem».

E, na própria Encíclica, o Pontífice lembra aos teólogos e filósofos católicos que «não têm o direito de ignorar ou negligenciar» as doutrinas contemporâneas, mesmo «se elas se afastam do recto caminho». Devem ter delas conhecimento aprofundado porque:

— as doenças se não podem tratar se não forem suficientemente conhecidas;

— ainda nas falsas doutrinas estão muitas vezes latentes preciosas parcelas de verdade;

NA LUZ DO NATAL

CRISTO, REVELAÇÃO DE DEUS

«Per incarnati Verbi mysterium nova mentis nostrae oculis lux tuae claritatis infulsit» (Prefácio do Natal).

Quem alguma vez lançou o olhar sobre o mundo das religiões para delas elaborar um estudo comparativo não deixará de reconhecer que elemento exclusivo do Cristianismo é um profundo sentido de íntima associação com a Divindade, de admirável aproximação entre Deus e o homem, em autêntico regime de amizade pessoal nas relações entre Deus e o crente. Analisando mais a fundo a sublime familiaridade que informa a vida religiosa do cristão, não é difícil concluir que ela foi totalmente devida a uma inesperada e amorosa iniciativa de Deus, que se dignou intervir pessoalmente na vida do homem para lhe abrir novos horizontes de Verdade, Amor e Vida, pela comunicação da Sua Verdade, do Seu Amor e da Sua vida, — inefáveis valores divinos, transformados em bens do homem.

As demais religiões, e de modo muito particular, as religiões de carácter naturista, porque estão profundamente influenciadas pelo temor do homem perante as forças misteriosas que o rodeiam, assentam em larga escala sobre uma certa emoção sagrada a que não corresponde um termo pessoal. A religiosidade por elas vinculada reveste formas vagas e indeterminadas, em virtude de não colocar o homem em face de Alguém *que, embora transcendente, não deixe de ser* Um Outro *com quem se possa estabelecer diálogo de mútua compreensão e amizade.*

É certo que não é difícil a quem quer que percorra com reflectida interioridade a estrada da vida, tomar consciência de que se encontra envolvido num Mistério que, por um lado, o penetra até ao mais íntimo do

seu ser, mas que, por outro lado, o ultrapassa irremediàvelmente, deixando-o na inquietação de um apelo tão constante como impreciso. Pode o homem dar-se conta de que algo se atravessa no caminho da sua existência para lhe fazer sentir bem ao vivo as acanhadas dimensões das suas reais possibilidades, em contraste com o inequívoco pressentimento de que muito mais além vão as riquezas potenciais do espírito humano. Um dinamismo íntimo solicita contìnuamente o homem a transcender-se até alcançar a plenitude de uma vida superior na actividade moral, na «acção consciente», como diria Blondel.

Mas aqui surge o drama. Em face da infinita Realidade que suavemente o solicita e radicalmente o transcende, o espírito humano sabe que esse vago anseio de ter parte no Mistério Divino a fim de viver em intimidade com Ele, não encontrará outra resposta que não seja um amargo silêncio. O conhecimento que por nós mesmos podemos adquirir a respeito de Deus jamais nos impedirá de nos sentirmos como exilados num mundo que não encontra eco fora dele. Se Deus pudesse ser conhecido tal como é pelo homem, não seria mais Deus, mas tão sòmente um ser feito à medida, — pobre medida! — do homem.

A estas dificuldades derivadas da inevitável finitude da criatura racional acresce uma outra, qual é a reconciliação com Deus após o pecado. Como pode o homem conhecer o plano de Deus a seu respeito depois que O ofendeu conscientemente?

A resposta a todos estes angustiosos problemas depende, em toda a linha, de uma livre iniciativa da parte de Deus.

Jamais seria dado ao homem desejar e atingir intimidade de conhecimento e amor com Deus, se o mesmo Deus não o tivesse precedido *tanto em despertar-lhe tal aspiração como em provocar um «encontro» de amizade, pela iluminação da Fé. Com fina exactidão psicológica e teológica escreveu Pascal que nós não encontraríamos Deus se não O tivéssemos já encontrado, quer dizer, se Ele não nos tivesse encontrado primeiro a nós.*

É bem verdade, pois, que não poderíamos conhecer os mistérios da vida íntima de Deus e a natureza das nossas relações com Ele, se o Seu Amor não O tivesse levado a comunicar-se, a revelar-se, a estabelecer diálogo com o homem em regime de autoridade, — o homem posto em frente de uma Pessoa, do «Tu absoluto», conforme se exprime G. Marcel. Foi o Deus vivo e pessoal de que nos fala a Escritura desde a primeira página do Géneses, que em gesto de amor se voltou para a humanidade,

entrou em diálogo com os homens, revelando-Se-lhes por meio de uma Palavra que é ao mesmo tempo luz e vida, luz para a inteligência e vida para o coração.

Está aqui toda a história da salvação, que não é mais do que a história humana transmudada em história divina, pelo facto de Deus ter intervindo pessoalmente no mundo, primeiro, pelos Profetas, Seus arautos, e depois por Cristo, Seu próprio Filho: «Deus, depois de outrora ter falado a nossos pais em muitas ocasiões e de muitos modos, recentemente, nestes tempos que são os últimos, falou-nos no Seu próprio Filho» (Hebr. I, 1).

Às manifestações fragmentárias do Mistério Divino no Antigo Testamento seguiu-se a total e definitiva revelação de Deus em Cristo, na plenitude dos tempos, em ordem à realização do plano da salvação: «A vida eterna é que os homens te conheçam, a Ti único verdadeiro Deus, e Àquele que Tu enviaste, Jesus Cristo» (Joan. XVII, 3). O destino eterno do homem está pois dependente do conhecimento de Deus por Jesus Cristo. Neste sentido escreveu Pascal que para nós não pode haver conhecimento de Deus senão por Jesus Cristo. Só Ele, de facto, nos comunica o conhecimento que possa fundamentar na verdade as nossas relações com Deus, manifestando-nos o Mistério da vida divina para vivermos em comunhão com esta mesma vida pelo dom da graça. «A Deus ninguém jamais O viu; o Filho Único, que está no seio do Pai, é que O deu a conhecer» (Joan. I, 18).

Se podemos falar de Deus é porque o próprio Deus nos falou de Si mesmo, observa com acerto o Padre Daniébou, que retoma para a completar uma afirmação equívoca de K. Barth: «Só Deus pode falar de Deus» (Dieu et nous, *p. 10). Em Cristo temos Deus a falar-nos de Deus. O único Deus verdadeiro, escreve Santo Inácio de Antioquia, «manifestou-se por meio de Jesus Cristo, Seu Filho, que é a Sua Palavra, saída do silêncio» (aos* Magnésios, *VII, 2), e «a boca infalível pela qual o Pai nos falou com toda a verdade» (aos* Romanos, *VIII, 2). É que «a boca do Senhor é o Verbo», e por isso, se «as criaturas conhecem Aquele que as criou», é porque «a boca do Altíssimo lhes falou»* (Odes de Salomão, *XII, 3, 10).*

Razão, pois, tem o Padre Montcheuil para advertir que tudo em Cristo é revelação de Deus. N'Ele conhecemos o Mistério Divino não apenas pela Sua Palavra, rica de certeza e de transcendência porque Cristo falava das coisas divinas como quem viu *(cfr. Joan. III, 11), senão também pela Sua própria Pessoa* (Leçons sur le Christ, *p. 87 e segs.). Jesus*

de Nazaré não é um simples enviado para trazer aos homens uma mensagem de Deus. Ele mesmo é a «Mensagem», porque é o Verbo de Deus, a expressão perfeita do Pai, a definição infinita do Infinito, a «Palavra» substancial e subsistente de Deus. E por isso quem O vê, vê o Pai (Joan. XIV, 9). Ler o Evangelho com o exclusivo intuito de estudar as palavras de Cristo é sujeitar-se a não apreender toda a inexaurível riqueza da Revelação cristã.

Mas o que é que Cristo nos revelou de Deus? Na fase da Aliança com Israel, começa Deus a revelar-se ao homem pela manifestação de certos aspectos «morais» ou «dinâmicos» do Seu Mistério transcendente: são «os costumes» de Deus nas suas relações com a humanidade, para usar da expressão do Padre Daniébou (op. cit., p. 102). Através das Suas obras admiráveis, o Senhor manifestou-nos a Sua natureza, conduzindo progressivamente o espírito humano ao conhecimento do Deus vivo tal como Ele é em Si mesmo. Mas enquanto o Antigo Testamento nos mostrava o Deus Único a fazer Aliança com Israel, o Novo Testamento coloca-nos em presença do DEUS TRINO a comunicar-se em Cristo e por Cristo. E é no dom que o Deus Trino nos faz da Sua própria vida que o mistério da Trindade ao mesmo tempo se nos comunica e se nos revela.

Eis, pois, qual o objecto fundamental da revelação de Deus em Cristo: o mistério da Trindade. O Novo Testamento caracteriza-se tanto pela Incarnação do Verbo como pela Efusão do Espírito Santo, — factos estes a que em Teologia se dá o nome de «Missões» e que por isso mesmo implicam distinção pessoal entre o Pai, por um lado, e o Verbo e o Espírito, por outro. Ora o objectivo destas «Missões» não é outro senão o fazer-nos participar plenamente na vida trinitária de Deus pela adopção filial, que é o termo do plano divino da salvação (cfr. Eph. I, 3-6). E porque este dom da adopção foi tornado possível pelo amor com que Deus nos enviou o Seu Filho na Incarnação, foi merecido pela Redenção e é comunicado pelo Espírito Santo à Igreja, pode e deve dizer-se que Deus se manifestou como Pai, Filho e Espírito Santo pelo modo como realizou as Suas promessas de salvação na fase cristã da história santa. Quer dizer, é mediante a epifania da vida trinitária que o homem penetra no Mistério da vida íntima de Deus: Mistério de Deus e mistério do homem, porque a vida cristã, a que todos são chamados, não pode definir-se senão por referência ao seu inefável conteúdo (cfr. 1 Joan. I, 3). Não é o Baptismo um movimento do homem para a vida trinitária?

Uma palavra de S. João resume a revelação que do mistério Divino nos fez Cristo: «Deus é amor» (1 Joan. IV, 8). Deus é amor porque se ama em Trindade de Pessoas, — cada uma delas é «outro» em Deus, — e porque em gesto de pura misericórdia nos associou à infinita torrente de amor que une e atrai entre Si as Divinas Pessoas.

Deus não é apenas complacência em Si mesmo, como poderia supor a filosofia; Deus é também infinita benevolência que atinge a todos e a cada um dos homens, para que eles tenham «mais»: a participação na própria vida divina por uma comunhão de imanência vital em Cristo.

O Deus que o Evangelho nos revela não pode equiparar-se a uma Providência geral e colectiva, conclui o Padre Montcheuil (op. cit., p. 93). Jesus Cristo veio ensinar-nos o Deus-Pai da religião pessoal; veio conduzir-nos ao mistério da vida íntima de um Deus que é nosso Pai porque vivemos da Sua própria vida em regime de filhos.

E por isso mesmo não é outro o modo que Jesus nos manda usar na oração: «Pai nosso que estais no Céu»...

PADRE J. A. de SOUSA

FILOSOFIA CRISTÃ E FILOSOFIAS CONTEMPORÂNEAS

II

O documento mais importante do magistério da Igreja a propósito da temática filosófica de hoje é a Encíclica «Humani Generis» do Santo Padre Pio XII, datada de 12 de Agosto de 1950 e tornada pública a 21 de Agosto do mesmo ano.

Na época atormentada que é a nossa, intervém o magistério da Igreja no sentido de assegurar aos movimentos criadores a direcção autêntica, em fidelidade ao depósito da Revelação; denuncia, pois, «algumas falsas opiniões que ameaçam destruir os fundamentos da doutrina católica» e até «os próprios fundamentos da civilização cristã».

Intervindo, porém, em matéria filosófica, não é em nome da Filosofia e por razões filosóficas que a Igreja o faz, mas a partir da Fé e em vista da Fé. Não se pronuncia, portanto, não pode pronunciar-se, sobre os pontos numerosíssimos alheios à Fé e à Moral.

No documento em causa, assume esta intervenção duas modalidades diferentes: declarativa, a primeira; prescritiva ou exigitiva, a segunda.

A) *Intervenção declarativa:* A Igreja põe-nos em guarda contra certos erros filosóficos de hoje. Assim:

1.º) O «evolucionismo absoluto», de tendências monistas e panteistas, é falso. Conjuga-se, aliás, com o «materialismo dialético».

No «Vocabulário técnico e crítico da Filosofia», de A. Lalande, distinguem-se três significados do termo «evolucionismo»: o de «filosofia do devir, em oposição à filosofia do eterno, do imutável» (A); o de «Transformismo» (B); e o de «doutrina segundo a qual a lei geral de evolução dos seres é a diferenciação acompanhada de integração, lei por que se teriam sucessivamente formado o sistema solar, as espécies químicas, os seres vivos, as faculdades intelectuais, as instituições sociais» (C). Lalande acrescenta que o uso geral dos filósofos contemporâneos reserva ao termo este último significado (C).

Na Encíclica visa-se o significado geral (A) que o sentido (C) apenas vem precisar.

Condena-se, portanto, a concepção dos que, com temerária ousadia, «propugnam como extensivo à origem de todos os seres o sistema evolucionista que nem no campo das ciências naturais está indiscutivelmente demonstrado». Não se rejeita, pois, o

evolucionismo que diríamos biológico; dele se diz apenas que não ultrapassa ainda o nível de hipótese. O que se rejeita é o evolucionismo metafísico, negador de qualquer verdadeira causalidade.

2.º) Uma nova filosofia surgiu, na esteira da precedente, — o existencialismo — cujas «aberrações» foram por ela preparadas.

O citado «Vocabulário» de Lalande anota justamente, na pequena notícia que consagra ao existencialismo, que o termo abrange enorme variedade de doutrinas. Assim, como mais adiante se precisa na Encíclica, nem todo o existencialismo é condenado, mas tão só as formas do existencialismo ateu ou anti-metafísico; este último, definido pelo facto de rejeitar as essências imutáveis das coisas para se ater à «existência» dos indivíduos. Importa grandemente não esquecer que o termo «existência» não designa aqui o carácter de realidade de um objecto, mas um certo «modo de ser», contingente, fluente, essencialmente ligado à temporalidade, peculiar ao homem, construtor de si próprio em permuta com o mundo e com outrem.

De tal doutrina diz a Encíclica que não é mais aceitável do que o Idealismo, o Imanentismo e o Pragmatismo.

Por «Idealismo», cito de novo o «Vocabulário» de Lalande, «entende-se a tendência filosófica que consiste em reduzir toda a existência ao pensamento, no mais largo sentido da palavra pensamento. O idealismo opõe-se, pois, ao realismo ontológico».

O «Imanentismo» (que se não deve confundir com o «método de imanência») é doutrina muito difícil de precisar, mais religiosa que filosófica, anti-intelectualista, professando uma imanência de Deus no homem inconciliável com a transcendência divina e o autêntico sobrenatural. Foi condenado já na Encíclica «Pascendi» de Pio X.

O «Pragmatismo» consiste em afirmar que o conhecimento é um instrumento ao serviço da actividade, que o pensamento tem carácter essencialmente teleológico, que, em última análise, a verdade se reduz à utilidade.

3.º) Como ligado a estas correntes, o Papa denuncia ainda o falso «historicismo» que se atém apenas aos acontecimentos da vida humana — todos justificados pelo simples facto de o serem — e «subverte os fundamentos de toda a norma absoluta do pensamento ou da conduta».

O erro comum às três tendências condenadas é o *relativismo,* o repúdio de «tudo o que é absoluto, firme e imutável»:

— relativismo do conhecimento (desconfiança da razão, dos seus conceitos, dos seus raciocínios);

— relativismo do real (substituido o ser pelo devir, a natureza pela condição, o consistente pelo precário).

A Encíclica sublinha, ao invés, — em epistemologia: o valor da razão e do conhecimento mediante *conceito,* a um tempo, *universal* (contra certo existencialismo) e *definitivo* (contra o historicismo); — em metafísica: a verdade dos princípios de razão suficiente, de causalidade e de finalidade (contra o evolucionismo). Trata-se

de salvaguardar a transcendência absoluta de Deus e a realidade da Sua presença criadora que confere consistência ao ser e estabilidade ao conhecimento.

Ultrapassa, evidentemente, o âmbito deste trabalho puramente panorâmico mostrar: 1.º) que as tendências condenadas são, infelizmente, características acentuadas dos «caminhos por onde enveredam hoje muitos homens cultos»; 2.º) que essas tendências são de todo incompatíveis com a abertura à Fé cristã, de forma que a defesa desta autoriza a Igreja a denunciá-las e condená-las. É evidente que o «relativismo» erigido em princípio se afirma como rejeição de Deus e não menos evidente é, para quem esteja um pouco informado das filosofias do nosso tempo, em especial as Filosofias da matéria (vg. Neo-positivismo e materialismo dialéctico), as Filosofias da Vida (vg. Pragmatismo, Historicismo), algumas Filosofias da existência (como as de Heidegger, Sartre, Merleau-Ponty), a presença nelas desse denunciado «relativismo» ôntico e ontológico que ameaça a própria existência da filosofia e faz que Bréhier termine o seu livro «La Transformation de la Philosophie française» com um grito de alarme: «Nous sommes dans cette situation périlleuse ou la philosophie risque de s'évanouir en non-philosophie».

Não será este o único domínio em que a luta da Igreja pela defesa do homem cristão é luta pela defesa do próprio homem enquanto simplesmente homem. Já pôde ser verificado que o homem não se aguenta em plano puramente humano: ou dá a mão ao convite a transcender-se, a ultrapassar-se, no Cristianismo, ou decai em sub-humanidade, em barbárie mais ou menos civilizada. A decadência do Cristianismo num lugar tem marcado, em geral, a regressão do humano.

A todo o pensador católico incumbe o defender-se, sem compromisso, sem falso «irenismo» ou pacifismo, destas erradas tendências.

Quer isto dizer que lhe não resta para o futuro mais que retirar-se para bela e segura torre de marfim, cortando contacto com o infecto mundo de hoje?

De forma alguma é esse o pensamento do Papa que tão a claro pôs a necessidade de acção, por parte dos católicos, na construção de um mundo que, se for feito sem eles, será feito contra eles. Aliás, num Breve por Pio XII dirigido ao XXI Congresso Internacional da Pax Romana, realizado em Amsterdam, de 19 a 27 de Agosto, Breve datado de 6 dias antes da «Humani Generis», escreve o Papa: «Saudando o Congresso da Pax Romana, vemos perfilar-se a vosso lado a imensa multidão dos nossos filhos, os estudantes e intelectuais católicos do mundo inteiro. A todos eles, como a vós próprios, recomendamos com imperiosa exigência estes dois deveres: *presença ao pensamento contemporâneo, serviço da Igreja.* Em toda a parte estai presentes na vanguarda do combate da inteligência, na hora em que esta se esforça por encarar os problemas do homem e da Natureza nas dimensões novas em que de hoje em diante eles se põem».

E, na própria Encíclica, o Pontífice lembra aos teólogos e filósofos católicos que «não têm o direito de ignorar ou negligenciar» as doutrinas contemporâneas, mesmo «se elas se afastam do recto caminho». Devem ter delas conhecimento aprofundado porque:

— as doenças se não podem tratar se não forem suficientemente conhecidas;

— ainda nas falsas doutrinas estão muitas vezes latentes preciosas parcelas de verdade;

LENDAS E NARRATIVAS DA GRÉCIA ANTIGA (1)

A Grécia sempre há-de ser o grande manancial de lendas e fábulas... E a criança continuará a ser e também sempre, a grande apreciadora das histórias simples, atraentes, imaginativas. Ela segue com os olhitos o movimento dos lábios de quem narra a história e lá vai com a imaginação e a curiosidade atrás do «touro branco que leva às costas a princezinha Europa e com ela desaparece na crista das ondas...»

A obra de Nathaniel Hawthorne que Edições Paulistas apresentam, é o conjunto de lendas e histórias gregas, moldadas, purificadas e transformadas em brinquedos com que a imaginação infantil se irá divertir.

São narrativas mitológicas, primorosamente descritas, que se adaptam muito bem à pureza juvenil dos seus ouvintes...

(1) Edições Paulistas, Lisboa

PIO XII E FÁTIMA

Fr. T. Vieira O. P.

Em separata da revista — Rosário de Maria — remetem-nos os R.R.P.P. Dominicanos este pequeno opúsculo.

Em pouco mais de cinquenta páginas de boa apresentação gráfica, o autor desenvolve o tema da homilia proferida numa das cento e cinquenta missas celebradas em 12 de Maio pelas intenções do Santo Padre.

Numa série de citações apropriadas é traçado o singular paralelismo — existente entre Fátima e o Pontífice reinante, não só na coincidência de algumas datas mais importantes, mas sobretudo no significado das mensagens de Fátima e do pontificado de Pio XII. É mesmo o Santo Padre quem afirma: «coincidências providenciais e factos importantes do nosso atormentado pontificado e da vossa história, nos ligam a essa Terra de Santa Maria». (Texto citado).

Os excertos que justificam as afirmações, são tirados de discursos e radiomensagens do Papa ou seus legados. Trabalho pequeno, mas sério. Aqui deixamos o nosso apoio, para que a editorial dos R. R. P. P. Dominicanos nos dê mais obras com este critério e apresentação. A inteligência do cristão contemporâneo tem de ser esclarecida, e o espírito tem de abrir-se, precisamente através de obras que primem por uma grande fidelidade à teologia e se imponham às exigências da sinceridade espiritual do nosso tempo, pela autenticidade de conteúdo que pretendem comunicar.

Os R.R.P.P. Dominicanos muito poderão fazer neste sentido. Têm portanto a palavra...

Edições «Verdade e Vida» — Fátima

L'HISTOIRE DES APÔTRES

Gilbert Le Monel

Les Editions Ouvrières, Paris

A história ou Actos dos Apóstolos, é a narrativa da vida da Igreja nos primeiros anos após a Ascensão do Senhor.

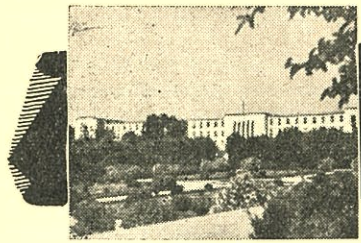
Os primeiros passos da Igreja, constituem um período importantíssimo da longa história que chega até nós... e sempre há-de durar...

O texto de S. Lucas é apresentado em tradução muito singela, para que possa ser entendido por todos os que não possam, nem saibam consultar o latim ou o grego.

As passagens mais difíceis são explicadas em algumas notas. Existem ainda exposições prévias para dar uma visão de conjunto do mundo em que a Igreja nasceu e se desenvolveu, isto é, da Palestina e do Império Romano.

É um livro que poderão ler, todos os que desejando conhecer as origens da Igreja, todavia não têm possibilidades de consultar obras longas ou mais especializadas. Para quem tiver ocasião de aprofundar certos aspectos há uma lista com o elenco das principais obras científicas.

H. V. FRANCO



CRÓNICA

O Outono, menos poético que o ano passado, atingiu já em cheio a nossa quinta. As avenidas do parque vão sendo atapetadas de douradas folhas, que o vento e a chuva, em suas ameaças de invernia, prematuramente fizeram cair. O Outono sente-se na natureza e sente-se na vida. E como o homem é naturalmente artista e místico, vai fazendo uma síntese de todos os elementos, naturais e sobrenaturais, das tardes amenas e melancólicas em que nuvens encasteladas dão ao horizonte uma sensação de além, bem como das melodias íntimas e recolhidas desta quadra litúrgica em que o último elo de um ano se enganchou no primeiro do seguinte, constituindo assim esse círculo aberto para o infinito que é a vida da Igreja, para por fim chegar a uma grande alegria — a alegria do Natal que se aproxima. Assim todos em uníssono com a natureza inteira, preparamo-nos para cantar no Natal, a salvação que aí nos vem.

Ainda em Outubro celebrámos no dia próprio a festa de Cristo-Rei, titular do nosso Seminário. A sessão solene que assinalou esse dia, foi substancialmente preenchida com a comunicação estatística àcerca da «situação moral e religiosa do nosso país» que, graças ao seu persistente e meticuloso trabalho, nos fez o Sr. Padre Manuel Falcão. Nos vários aspectos considerados, como por exemplo a prática do preceito dominical, a percentagem de casamentos civis e da natalidade de filhos ilegítimos etc., o país apareceu-nos, em ilucidativos cartogramas, dividido em duas zonas distintas: Norte e Sul, respectivamente com características uniformes e constantes. Abriu a sessão o Albino Cleto, que nos disse da ligação da festa litúrgica que celebrávamos com o nosso Seminário. Depois de considerar o condicionalismo social e religioso em que ela foi instituída, cotejou-a com outras duas festas a Cristo-Rei, respectivamente Ramos e Sagrado Coração, qualificando-as e distinguindo-as com três palavras: «Realeza, Reinado, Reino».

No domingo das missões tivémos entre nós o Rev.º Padre Reed, que com a sua alegria sã e simples, nos ajudou a viver «missionàriamente» esse dia. O serão desse mesmo dia foi preenchido com uma reunião sentidamente familiar, à qual gentilmente se associaram suas Excelências o Senhor Arcebispo de Cízico e o Sr. D. José Pedro da Silva. O P. Reed proferiu uma conferência sem título. Não obedecendo a esquemas convencionais, mostrou-se-nos em todo o seu entusiasmo missionário. Ele trazia folhas escritas, mas não as leu porque o entusiasmo não deixou. Fez-nos rir, mas fez-nos também pensar e sentir o grande problema missionário, que é afinal o único grande problema do mundo, o problema do Cristianismo, o problema da Igreja. «Há um só Salvador, Jesus Cristo — disse Sua Eminência na conferência que fez aos alunos teólogos — e uma só sociedade com o ensinamento de Jesus, a Igreja». Se Jesus é o único Salvador, o grande problema do mundo é pois o problema da salvação, por conseguinte, o problema do Cristianismo.

Nesse mesmo dia falou-nos Sua Eminência do grande amor que devemos ter à Igreja, pois que ela é o único meio de chegar a Cristo. É falsa a posição dos que afirmam deixarem a Igreja para melhor servirem o Senhor. É lamentável a condescendência, em nome duma caridade falsa, com o pecado e com a imoralidade. Não é a Igreja que está antiquada, mas nós que estamos «progressivamente» desorientados.

A Academia de Santo António teve no dia dez a segunda sessão ordinária. O Vieira Marques, fundador e fomentador

da equipa de cinema, apresentou os resultados de um inquérito, lançado no ano anterior pela mesma equipa. Tendo começado por dizer a razão de ser da existência no Seminário de uma equipa de cinema, enumerou-nos as suas realizações passadas, de cujo fruto, o referido inquérito é um índice. A necessidade que há para o padre de hoje de uma cultura actualizada em assuntos cinematográficos, é mais que evidente. O movimento no Seminário começou sem pretensões, embora com decisão. E sua Eminência, ao referir-se a ele como o possível início de um movimento do cinema católico em Portugal, deu-lhe, diríamos, a sua aprovação, ao mesmo tempo que lhe marcou um rumo a seguir, um programa a cumprir. O V. Marques deu-nos em seguida os resultados do inquérito, a cuja elaboração haviam presidido os seguintes pontos: em que estado está a cultura cinematográfica no Seminário; saber em que medida o cinema penetrou o meio ambiente, passando a ser uma realidade na vida dos Seminaristas; qual a posição dos seminaristas em relação à cultura cinematográfica que lhes tem sido ministrada pelos métodos cineclubistas; e finalmente, se o cinema é já por eles encarado como um problema pastoral. Os resultados das respostas foram animadores.

O Antão abriu a actividade da secção de filosofia com um bom trabalho intitulado «como surgiu a vida na terra». Agradou a originalidade do trabalho e o àvontade da exposição. No dia dezassete de Novembro o Soares falou-nos da «Organização política portuguesa», enquanto o Cipriano continua a dar as suas «notícias sensacionais».

A Associação de Santo Condestável festejou largamente o seu padroeiro. Organizaram-se «campeonatos relâmpago» das diversas modalidades desportivas, que o mau tempo não deixou geralmente realizar. Uma sessão de cinema assinalou a tarde do dia de S. Nuno.

Na manhã do dia 3, como bons patriotas, os seminaristas cuja idade lhes permite exercer plenamente todos os direitos de cidadania, acorreram às urnas. Aliás a isso nos incitara o discurso de Sua Excelência o Senhor Presidente do Concelho, que por nós foi ouvido com atenção patriótica e dedicada.

A academia de Santo António voltou a reunir-se a dezóito de Novembro, sob o pretexto de comemorar o 28.º aniversário do dia em que Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca foi dado como pastor a toda a diocese de Lisboa. Embora toda dirigida para Sua Eminência, a sessão foi de estudos como todas as outras. Nela, o tema «vocação sacerdotal» foi competentemente desenvolvido pelo Miguel Ponces. Na primeira parte do trabalho, aduziu testemunhos da Sagrada Escritura, do Magistério e da Tradição referentes ao tema. Na segunda parte, tendo falado da vocação como um conjunto de recta intenção e idoneidade, passou a analisar cada um destes elementos. A análise da idoneidade foi feita com base na comum consideração das t r ê s realidades — homem, cristão, sacerdote, salientando que «as chamadas crises de vocação, não são muitas vezes mais que crises de cristianismo e de humanidade». Focou ainda que muitas das virtudes vulgarmente consideradas como específicas do sacerdote, como a ascese, a renúncia e a união com Deus, não são mais que simples valores cristãos. Ao falar da recta intenção como um acto humano guiado pela inteligência e pela vontade, salientou bem que os atractivos que a provocam, têm como fundamento, não a afectividade, mas uma vontade plenamente livre. Por fim discutiu-se largamente o valor objectivo do chamamento hierárquico.

Está a decorrer no nosso Seminário um curso de «Defesa Civil do Território» que vai sendo seguido com grande curiosidade. Todos nos preparamos para de máscara e capacete subirmos ao 3.º andar pela janela, para transportar hipotéticos feridos e apagar fictícios incêndios. Como nos foi dito na primeira conferência, a defesa civil serve não só para a guerra, mas também para a paz. Para a paz ou para a guerra, nós preparamo-nos, segundo o princípio básico da D. C. T., para nos salvarmos primeiro a nós, para depois podermos salvar os outros. As experiências começaram prestes, pois perigosos aviões de papel sobrevoaram já o ambiente.

Assim no trabalho e na alegria, vamos preparando os espíritos para no Natal, em volta do presépio, cantarmos ao Menino Deus.

J. POLICARPO

MISSIONOLOGIA

SELECÇÃO BIBLIOGRÁFICA (1)

A. PRINCIPAIS DOCUMENTOS PONTIFÍCIOS (2)

BENTO XV, encíclica *Maximum illud* (A. A. S. 1919, 440-455).
PIO XI, enc. *Rerum Ecclesiae* (A. A. S. 1926, 65-83).
PIO XII, enc. *Saeculo exeunte octavo* (A. A. S. 1940, 249-270).
PIO XII, enc. *Mystici Corporis Christi* (A. A. S. 1943, 193-248) (3).
PIO XII, enc. *Evangelii praecones* (A. A. S. 1951, 497-528).
PIO XII, enc. *Fidei donum* (A. A. S. 1957, 225-248).

B. OBRAS GERAIS

CHARLES, Pierre, *Les dossiers de l'action missionnaire,* 2.ª ed., Louvain — Bruxelles 1938. — Obra indispensável mas já difícil de encontrar, influenciou grandemente os estudos modernos. Existe uma tradução espanhola da editorial «El siglo de las Misiones» intitulada:

Los «dossiers» de la acción misionera, vol. I, Bilbao 1954. — O tradutor procurou actualizar a obra introduzindo-lhe algumas notas e uma breve indicação bibliográfica.

MONDREGANES, Pio Maria de, *Manual de Misionologia,* 3.ª ed., Madrid 1951. — Obra utilíssima pois trata de quase todos os assuntos e indica bibliografia referente.

RETIF, André, *Introduction à la doctrine pontifical des missions,* Paris 1953. — Necessária para a melhor compreensão dos ensinamentos da Igreja sobre as missões.

SILVA REGO, A., *Curso de Missionologia,* Lisboa 1956. — A obra é orientada em ordem ao estudo dos problemas portugueses referentes às missões. É indispensável a quem estuda a história das missões. Apresenta uma indicação bibliográfica muito cuidada.

NOTA. Para quem conheça a língua italiana:

PAVENTI Saverio, *La Chiesa missionária,* 2 vol. — *I. Manuale di Missionologia dottrinale,* II. *Manuale di cooperazione missionaria e di missiorografia,* Roma 1949 a 1950. — Tem uma boa bibliografia após cada capítulo.

C. OBRAS ESPECIAIS (a ler só após o estudo do problema missionário)

CHARLES, Pierre, *Études missiologiques* (Museum Messianum) Desclée de Brouwer, 1956. — Trata-se da publicação póstuma de um conjunto muito notável de bastantes dos trabalhos do autor, sobre este assunto. É obra

muito útil devido à diversidade dos temas e competência com que são apresentados.

Os livros da colecção «*La Spherte et la Croix*», ed. du Seuil, Paris dos quais apontamos em especial:

DANIELOU, J., *Le mystère du Salut des nations,* Paris 1948.

DE LUBAC, H., *Le fondement theologique des missions,* Paris.

DANIELOU, J., *Le mystère de l'Avent,* Paris 1948.

D. PARA LEITURA ESPIRITUAL OU APROVEITAMENTO DE TEMAS DE MEDITAÇÃO

CHARLES, Pierre, *La prière missionnaire,* Louvain 1947. — Desta obra existe uma tradução portuguesa da «Editorial Missões» com o título, *A oração missionária,* Cucujães 1957.

DE VAULX, Bernard, *Les plus belle textes sur les Missions,* Paris 1954.

Os livros da Colecção «*La Sphere et la Croix*», acima indicados.

E. REVISTAS (4)

a. Revistas estrangeiras

CATOLICISMO — (Órgão oficial das obras missionárias pontifícias em Espanha) Fuencarral 5 — 1.º Madrid.

MESSAGES — (Órgão da União Missionária do Clero do Canadá). — Ambas estas revistas são de informação geral e divulgação.

GRANDS LACS (Revista geral das Missões de África) — Padres Brancos. Chaussé de Charleroi 14, Namur (Bélgica). — Com óptima apresentação gráfica estuda os vários problemas africanos procurando documentá-los e torná-los patentes aos leitores.

b. Revistas nacionais (5).

ALÉM MAR, (Revista Missionária dos Filhos do Sagrado Coração de Maria) — Seminário das Missões — Viseu.

ALVORADA MISSIONÁRIA, Seminário Montariol — Braga.

CLERO E AS MISSÕES (O) — (Órgão Oficial da U. M. C.), Rua Ilha do Príncipe, 19 — Lisboa.

ECO DE ÁFRICA (O).

FÁTIMA MISSIONÁRIA — Seminário da Consolata, Cova da Iria — Fátima.

MISSIONÁRIO CATÓLICO (O), Seminário das Missões — Cucujães.

MISSÕES, (Companhia de Jesus) — Estrada da Torre — Lisboa.

MISSÕES E MISSIONÁRIOS, (Missionários do Coração de Maria) R. Nova do Almada, 95-4.º — Lisboa.

PORTUGAL EM ÁFRICA, (Revista de Cultura Missionária) — Instituto Missionário do Espírito Santo — Carcavelos.

PRETINHO (O), Irmãs Missionárias de S. Pedro Claver), Av. Almirante Reis, 95 — Lisboa.

VOLUMUS, (Revista da Academia Missionária de S. João de Brito), Seminário das Missões — Cucujães.

NOTAS

(1) Em este índice procurou dar-se uma bibliografia verdadeiramente útil. Para tal apenas se indicam obras de real valor e nas línguas mal conhecidas entre nós. Fez-se uma selecção de modo a que o leitor não desanimasse perante a quantidade dos livros apresentados, e, todavia, o estudo ou leitura dos mesmos proporcionasse uma profunda e esclarecida consciência missionária.

Nos livros de carácter geral, o leitor encontrará e poderá depois escolher uma ampla bibliografia referente ao assunto que mais directamente o interessar.

(2) Julgou-se desnecessário indicar as casas editoras das traduções em vernáculo destes diversos documentos. Fàcilmente se podem encontrar quer em fascículos ou separatas quer em revistas como a **Lumen, Selecção documental** (a partir de 1953), ou em revistas missionárias.

(3) É absolutamente indispensável para um frutuoso estudo dos problemas missionários um conhecimento não rudimentar do que é a Igreja Católica. Por isso cita-se esta encíclica como de interesse missionário. A tal propósito será útil a leitura do livro DE MONTCHEUIL, Yves, Aspects de l'Église, Paris 1951 — trata também do problema missionário. Igualmente útil será a leitura de SUENENS, Mgr. Préon Joseph, **l'Église en état de mission**, 3.ª ed. Desclée de Brouwer 1956. Existe uma tradução publicada no Brasil pela editora «Flamboyant», com o título: **Novos rumos da Igreja missionária**, S. Paulo 1956. — trata do apostolado em geral, procurando, como o título de tradução sugere, traçar-lhe novas perspectivas.

(4) Na indicação de revistas seguiram-se as directivas gerais adoptadas para esta selecção bibliográfica. Em PAVENTI, o. cit., p. 531-533 encontra-se um elenco bastante completo. Cfr. igualmente MONDREGANES, o. cit., p. 285-286 e 183.

(5) Quanto às revistas nacionais indicam-se pràticamente na quase totalidade. Assiná-las e propagá-las será também um meio de auxiliar as missões do Ultramar português. Todas têm carácter missionário.

SUMÁRIO DE 1957

Ano Cinematográfico — *Artur Lemos* 87
Ano Litúrgico, ano de vida — *F. Micael* 281
Arquitectura e Liturgia (A propósito da Igreja de Moscavide) — *Avelino Rodrigues* 132
Bíblia e Liturgia (A propósito do Congresso de Estrasbourg) — *P. José Ferreira* 286
Bíblia à luz da Igreja (A) — *Cláudio Teixeira* 149
Bibliografia sobre o Matrimónio 312
Bibliografia sobre Missionologia ... ...
Cantarinha — *Simões Dias* 207
Celebração Litúrgica do Matrimónio — *Paróquia de Belém* 298
Cerimonial do Baptismo — *João Morais* 237
Cristo Revelação de Deus. — *Padre J. A. de Sousa* 315
Cinema na Teologia Moral (O) — *José Vieira Marques*... 304
Das primeiras pinturas que tratam de Nossa Senhora e seu significado — *Francisco Nuno* 163
Dedicatória — *A. N.* 212
Escravatura branca — *Dr. João Afonso Viana da Costa* 94
Esquema de pregação litúrgica para o mês de Maio — *J. Rocha Alcobia* 124
Estudo de Sociologia (Um) — *António Carrilho* 50
Expansão da Acção Católica no Patriarcado — *P.e Manuel F. Falcão* 289
Factores de influência no comportamento espiritual das comunidades humanas *P. Manuel Falcão* 248
Família — Tema da Semana Social de Bordeus — *H. V. Franco* 307
Filosofia cristã e filosofias contemporâneas — *P. Honorato Rosa* 283
Filosofia cristã e filosofias contemporâneas (Cont.) — *P. Honorato Rosa* 320
Gentes da outra banda (A sondagem à prática religiosa nas paróquias da península de Setúbal em 1955 — *António Carrilho e Fernando Micael* 181
Inquérito sobre Cinema (Um) — *José Vieira Marques* 326
Mais um ano de trabalho — *Director* 245
Mártir São Vicente e a sua Liturgia (O) — *Gregorius* 1
Mártir São Vicente e a sua Liturgia (Cont.) — *Gregorius* 37
Mártir São Vicente e a sua Liturgia (Cont.) — *Gregorius* 76
Mártir São Vicente e a sua Liturgia (Cont.) — *Gregorius* 112
Ministros da Palavra — *J. Poças* 213
Missão Rural — *António Henrique* 139
Mistério de Cristo (O) — *Karl Adam* 177
Mistério de Maria (A propósito do mês de Maio) — *Filipe Rocha* 145
Mistério Pascal — *P. J. Ferreira* 109
«Movimento Litúrgico» e a sua repercussão no Patriarcado (O) — *Rev.º P. Adelino Narciso* 22
Novo ritual da liturgia dos defuntos em Bordeus — *António Crisóstomo* 241
Ofertório da Missa — *P. José Ferreira* 224
Países Sub-desenvolvidos e no futuro (Os) — *Fernando Belo* 141
Para uma visão eclesiológica do laicado — *João Rodrigues* 216
Perspectivas e problemas — *Luís Moita* 158

Perspectivas e problemas (Cont.) — *Luís Moita* 193
Pio XII fala de renovação cristã nos meios independentes 33
Portugal visto por olhos franceses — *Fernando Micael* 169
Portugal visto por um sacerdote espanhol — *João Canilho* 208
Problema das Imagens (O) — *Noronha Galvão* 198
Quaresma — *F.* 73
Sacerdotes e leigos na Acção Católica 56
Última Conferência do Padre Américo 11
Unidade do Amor (A) — *Alberto Neto* 17

LENDAS E NARRATIVAS DA GRÉCIA ANTIGA (1)

A Grécia sempre há-de ser o grande manancial de lendas e fábulas... E a criança continuará a ser e também sempre, a grande apreciadora das histórias simples, atraentes, imaginativas. Ela segue com os olhitos o movimento dos lábios de quem narra a história e lá vai com a imaginação e a curiosidade atrás do «touro branco que leva às costas a princezinha Europa e com ela desaparece na crista das ondas...»

A obra de Nathaniel Hawthorne que Edições Paulistas apresentam, é o conjunto de lendas e histórias gregas, moldadas, purificadas e transformadas em brinquedos com que a imaginação infantil se irá divertir.

São narrativas mitológicas, primorosamente descritas, que se adaptam muito bem à pureza juvenil dos seus ouvintes...

(1) Edições Paulistas, Lisboa

PIO XII E FÁTIMA

Fr. T. Vieira O. P.

Em separata da revista — Rosário de Maria — remetem-nos os R.R.P.P. Dominicanos este pequeno opúsculo.

Em pouco mais de cinquenta páginas de boa apresentação gráfica, o autor desenvolve o tema da homilia proferida numa das cento e cinquenta missas celebradas em 12 de Maio pelas intenções do Santo Padre.

Numa série de citações apropriadas é traçado o singular paralelismo — existente entre Fátima e o Pontífice reinante, não só na coincidência de algumas datas mais importantes, mas sobretudo no significado das mensagens de Fátima e do pontificado de Pio XII. É mesmo o Santo Padre quem afirma: «coincidências providenciais e factos importantes do nosso atormentado pontificado e da vossa história, nos ligam a essa Terra de Santa Maria». (Texto citado).

Os excertos que justificam as afirmações, são tirados de discursos e radiomensagens do Papa ou seus legados. Trabalho pequeno, mas sério. Aqui deixamos o nosso apoio, para que a editorial dos R. R. P. P. Dominicanos nos dê mais obras com este critério e apresentação. A inteligência do cristão contemporâneo tem de ser esclarecida, e o espírito tem de abrir-se, precisamente através de obras que primem por uma grande fidelidade à teologia e se imponham às exigências da sinceridade espiritual do nosso tempo, pela autenticidade de conteúdo que pretendem comunicar.

Os R.R.P.P. Dominicanos muito poderão fazer neste sentido. Têm portanto a palavra...

Edições «Verdade e Vida» — Fátima

L'HISTOIRE DES APÔTRES

Gilbert Le Monel

Les Editions Ouvrières, Paris

A história ou Actos dos Apóstolos, é a narrativa da vida da Igreja nos primeiros anos após a Ascensão do Senhor.

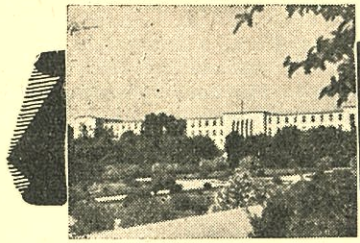
Os primeiros passos da Igreja, constituem um período importantíssimo da longa história que chega até nós... e sempre há-de durar...

O texto de S. Lucas é apresentado em tradução muito singela, para que possa ser entendido por todos os que não possam, nem saibam consultar o latim ou o grego.

As passagens mais difíceis são explicadas em algumas notas. Existem ainda exposições prévias para dar uma visão de conjunto do mundo em que a Igreja nasceu e se desenvolveu, isto é, da Palestina e do Império Romano.

É um livro que poderão ler, todos os que desejando conhecer as origens da Igreja, todavia não têm possibilidades de consultar obras longas ou mais especializadas. Para quem tiver ocasião de aprofundar certos aspectos há uma lista com o elenco das principais obras científicas.

H. V. FRANCO



CRÓNICA

O Outono, menos poético que o ano passado, atingiu já em cheio a nossa quinta. As avenidas do parque vão sendo atapetadas de douradas folhas, que o vento e a chuva, em suas ameaças de invernia, permaturamente fizeram cair. O Outono sente-se na natureza e sente-se na vida. E como o homem é naturalmente artista e místico, vai fazendo uma síntese de todos os elementos, naturais e sobrenaturais, das tardes amenas e melancólicas em que nuvens encasteladas dão ao horizonte uma sensação de além, bem como das melodias íntimas e recolhidas desta quadra litúrgica em que o último elo de um ano se enganchou no primeiro do seguinte, constituindo assim esse círculo aberto para o infinito que é a vida da Igreja, para por fim chegar a uma grande alegria — ,a alegria do Natal que se aproxima. Assim todos em uníssono com a natureza inteira, preparamo-nos para cantar no Natal, a salvação que aí nos vem.

Ainda em Outubro celebrámos no dia próprio a festa de Cristo-Rei, titular do nosso Seminário. A sessão solene que assinalou esse dia, foi substancialmente preenchida com a comunicação estatística àcerca da «situação moral e religiosa do nosso país» que, graças ao seu persistente e meticuloso trabalho, nos fez o Sr. Padre Manuel Falcão. Nos vários aspectos considerados, como por exemplo a prática do preceito dominical, a percentagem de casamentos civis e da natalidade de filhos ilegítimos etc., o país apareceu-nos, em ilucidativos cartogramas, dividido em duas zonas distintas: Norte e Sul, respectivamente com características uniformes e constantes. Abriu a sessão o Albino Cleto, que nos disse da ligação da festa litúrgica que celebrávamos com o nosso Seminário. Depois de considerar o condicionalismo social e religioso em que ela foi instituída, cotejou-a com outras duas festas a Cristo-Rei, respectivamente Ramos e Sagrado Coração, qualificando-as e distinguindo-as com três palavras: «Realeza, Reinado, Reino».

No domingo das missões tivémos entre nós o Rev.º Padre Reed, que com a sua alegria sã e simples, nos ajudou a viver «missionàriamente» esse dia. O serão desse mesmo dia foi preenchido com uma reunião sentidamente familiar, à qual gentilmente se associaram suas Excelências o Senhor Arcebispo de Cízico e o Sr. D. José Pedro da Silva. O P. Reed proferiu uma conferência sem título. Não obedecendo a esquemas convencionais, mostrou-se-nos em todo o seu entusiasmo missionário. Ele trazia folhas escritas, mas não as leu porque o entusiasmo não deixou. Fez-nos rir, mas fez-nos também pensar e sentir o grande problema missionário, que é afinal o único grande problema do mundo, o problema do Cristianismo, o problema da Igreja. «Há um só Salvador, Jesus Cristo — disse Sua Eminência na conferência que fez aos alunos teólogos — e uma só sociedade com o ensinamento de Jesus, a Igreja». Se Jesus é o único Salvador, o grande problema do mundo é pois o problema da salvação, por conseguinte, o problema do Cristianismo.

Nesse mesmo dia falou-nos Sua Eminência do grande amor que devemos ter à Igreja, pois que ela é o único meio de chegar a Cristo. É falsa a posição dos que afirmam deixarem a Igreja para melhor servirem o Senhor. É lamentável a condescendência, em nome duma caridade falsa, com o pecado e com a imoralidade. Não é a Igreja que está antiquada, mas nós que estamos «progressivamente» desorientados.

A Academia de Santo António teve no dia dez a segunda sessão ordinária. O Vieira Marques, fundador e fomentador

da equipa de cinema, apresentou os resultados de um inquérito, lançado no ano anterior pela mesma equipa. Tendo começado por dizer a razão de ser da existência no Seminário de uma equipa de cinema, enumerou-nos as suas realizações passadas, de cujo fruto, o referido inquérito é um índice. A necessidade que há para o padre de hoje de uma cultura actualizada em assuntos cinematográficos, é mais que evidente. O movimento no Seminário começou sem pretensões, embora com decisão. E sua Eminência, ao referir-se a ele como o possível início de um movimento do cinema católico em Portugal, deu-lhe, diríamos, a sua aprovação, ao mesmo tempo que lhe marcou um rumo a seguir, um programa a cumprir. O V. Marques deu-nos em seguida os resultados do inquérito, a cuja elaboração haviam presidido os seguintes pontos: em que estado está a cultura cinematográfica no Seminário; saber em que medida o cinema penetrou o meio ambiente, passando a ser uma realidade na vida dos Seminaristas; qual a posição dos seminaristas em relação à cultura cinematográfica que lhes tem sido ministrada pelos métodos cineclubistas; e finalmente, se o cinema é já por eles encarado como um problema pastoral. Os resultados das respostas foram animadores.

O Antão abriu a actividade da secção de filosofia com um bom trabalho intitulado «como surgiu a vida na terra». Agradou a originalidade do trabalho e o àvontade da exposição. No dia dezassete de Novembro o Soares falou-nos da «Organização política portuguesa», enquanto o Cipriano continua a dar as suas «notícias sensacionais».

A Associação de Santo Condestável festejou largamente o seu padroeiro. Organizaram-se «campeonatos relâmpago» das diversas modalidades desportivas, que o mau tempo não deixou geralmente realizar. Uma sessão de cinema assinalou a tarde do dia de S. Nuno.

Na manhã do dia 3, como bons patriotas, os seminaristas cuja idade lhes permite exercer plenamente todos os direitos de cidadania, acorreram às urnas. Aliás a isso nos incitara o discurso de Sua Excelência o Senhor Presidente do Concelho, que por nós foi ouvido com atenção patriótica e dedicada.

A academia de Santo António voltou a reunir-se a dezóito de Novembro, sob o pretexto de comemorar o 28.º aniversário do dia em que Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca foi dado como pastor a toda a diocese de Lisboa. Embora toda dirigida para Sua Eminência, a sessão foi de estudos como todas as outras. Nela, o tema «vocação sacerdotal» foi competentemente desenvolvido pelo Miguel Ponces. Na primeira parte do trabalho, aduziu testemunhos da Sagrada Escritura, do Magistério e da Tradição referentes ao tema. Na segunda parte, tendo falado da vocação como um conjunto de recta intenção e idoneidade, passou a analisar cada um destes elementos. A análise da idoneidade foi feita com base na comum consideração das t r ê s realidades — homem, cristão, sacerdote, salientando que «as chamadas crises de vocação, não são muitas vezes mais que crises de cristianismo e de humanidade». Focou ainda que muitas das virtudes vulgarmente consideradas como específicas do sacerdote, como a ascese, a renúncia e a união com Deus, não são mais que simples valores cristãos. Ao falar da recta intenção como um acto humano guiado pela inteligência e pela vontade, salientou bem que os atractivos que a provocam, têm como fundamento, não a afectividade, mas uma vontade plenamente livre. Por fim discutiu-se largamente o valor objectivo do chamamento hierárquico.

Está a decorrer no nosso Seminário um curso de «Defesa Civil do Território» que vai sendo seguido com grande curiosidade. Todos nos preparamos para de máscara e capacete subirmos ao 3.º andar pela janela, para transportar hipotéticos feridos e apagar fictícios incêndios. Como nos foi dito na primeira conferência, a defesa civil serve não só para a guerra, mas também para a paz. Para a paz ou para a guerra, nós preparamo-nos, segundo o princípio básico da D. C. T., para nos salvarmos primeiro a nós, para depois podermos salvar os outros. As experiências começaram prestes, pois perigosos aviões de papel sobrevoaram já o ambiente.

Assim no trabalho e na alegria, vamos preparando os espíritos para no Natal, em volta do presépio, cantarmos ao Menino Deus.

J. POLICARPO

MISSIONOLOGIA

SELECÇÃO BIBLIOGRÁFICA (1)

A. PRINCIPAIS DOCUMENTOS PONTIFÍCIOS (2)

BENTO XV, encíclica *Maximum illud* (A. A. S. 1919, 440-455).
PIO XI, enc. *Rerum Ecclesiae* (A. A. S. 1926, 65-83).
PIO XII, enc. *Saeculo exeunte octavo* (A. A. S. 1940, 249-270).
PIO XII, enc. *Mystici Corporis Christi* (A. A. S. 1943, 193-248) (3).
PIO XII, enc. *Evangelii praecones* (A. A. S. 1951, 497-528).
PIO XII, enc. *Fidei donum* (A. A. S. 1957, 225-248).

B. OBRAS GERAIS

CHARLES, Pierre, *Les dossiers de l'action missionnaire,* 2.ª ed., Louvain — Bruxelles 1938. — Obra indispensável mas já difícil de encontrar, influenciou grandemente os estudos modernos. Existe uma tradução espanhola da editorial «El siglo de las Misiones» intitulada:

Los «dossiers» de la acción misionera, vol. I, Bilbao 1954. — O tradutor procurou actualizar a obra introduzindo-lhe algumas notas e uma breve indicação bibliográfica.

MONDREGANES, Pio Maria de, *Manual de Misionologia,* 3.ª ed., Madrid 1951. — Obra utilíssima pois trata de quase todos os assuntos e indica bibliografia referente.

RETIF, André, *Introduction à la doctrine pontifical des missions,* Paris 1953. — Necessária para a melhor compreensão dos ensinamentos da Igreja sobre as missões.

SILVA REGO, A., *Curso de Missionologia,* Lisboa 1956. — A obra é orientada em ordem ao estudo dos problemas portugueses referentes às missões. É indispensável a quem estuda a história das missões. Apresenta uma indicação bibliográfica muito cuidada.

NOTA. Para quem conheça a língua italiana:

PAVENTI Saverio, *La Chiesa missionária,* 2 vol. — *I. Manuale di Missionologia dottrinale,* II. *Manuale di cooperazione missionaria e di missiorografia,* Roma 1949 a 1950. — Tem uma boa bibliografia após cada capítulo.

C. OBRAS ESPECIAIS (a ler só após o estudo do problema missionário)

CHARLES, Pierre, *Études missiologiques* (Museum Messianum) Desclée de Brouwer, 1956. — Trata-se da publicação póstuma de um conjunto muito notável de bastantes dos trabalhos do autor, sobre este assunto. É obra

muito útil devido à diversidade dos temas e competência com que são apresentados.

Os livros da colecção «*La Spherte et la Croix*», ed. du Seuil, Paris dos quais apontamos em especial:

DANIELOU, J., *Le mystère du Salut des nations,* Paris 1948.

DE LUBAC, H., *Le fondement theologique des missions,* Paris.

DANIELOU, J., *Le mystère de l'Avent,* Paris 1948.

D. PARA LEITURA ESPIRITUAL OU APROVEITAMENTO DE TEMAS DE MEDITAÇÃO

CHARLES, Pierre, *La prière missionnaire,* Louvain 1947. — Desta obra existe uma tradução portuguesa da «Editorial Missões» com o título, *A oração missionária,* Cucujães 1957.

DE VAULX, Bernard, *Les plus belle textes sur les Missions,* Paris 1954.

Os livros da Colecção «*La Sphere et la Croix*», acima indicados.

E. REVISTAS (4)

a. Revistas estrangeiras

CATOLICISMO — (Órgão oficial das obras missionárias pontifícias em Espanha) Fuencarral 5 — 1.º Madrid.

MESSAGES — (Órgão da União Missionária do Clero do Canadá). — Ambas estas revistas são de informação geral e divulgação.

GRANDS LACS (Revista geral das Missões de África) — Padres Brancos. Chaussé de Charleroi 14, Namur (Bélgica). — Com óptima apresentação gráfica estuda os vários problemas africanos procurando documentá-los e torná-los patentes aos leitores.

b. Revistas nacionais (5).

ALÉM MAR, (Revista Missionária dos Filhos do Sagrado Coração de Maria) — Seminário das Missões — Viseu.

ALVORADA MISSIONÁRIA, Seminário Montariol — Braga.

CLERO E AS MISSÕES (O) — (Órgão Oficial da U. M. C.), Rua Ilha do Príncipe, 19 — Lisboa.

ECO DE ÁFRICA (O).

FÁTIMA MISSIONÁRIA — Seminário da Consolata, Cova da Iria — Fátima.

MISSIONÁRIO CATÓLICO (O), Seminário das Missões — Cucujães.

MISSÕES, (Companhia de Jesus) — Estrada da Torre — Lisboa.

MISSÕES E MISSIONÁRIOS, (Missionários do Coração de Maria) R. Nova do Almada, 95-4.º — Lisboa.

PORTUGAL EM ÁFRICA, (Revista de Cultura Missionária) — Instituto Missionário do Espírito Santo — Carcavelos.

PRETINHO (O), Irmãs Missionárias de S. Pedro Claver), Av. Almirante Reis, 95 — Lisboa.

VOLUMUS, (Revista da Academia Missionária de S. João de Brito), Seminário das Missões — Cucujães.

NOTAS

(1) Em este índice procurou dar-se uma bibliografia verdadeiramente útil. Para tal apenas se indicam obras de real valor e nas línguas mal conhecidas entre nós. Fez-se uma selecção de modo a que o leitor não desanimasse perante a quantidade dos livros apresentados, e, todavia, o estudo ou leitura dos mesmos proporcionasse uma profunda e esclarecida consciência missionária.

Nos livros de carácter geral, o leitor encontrará e poderá depois escolher uma ampla bibliografia referente ao assunto que mais directamente o interessar.

(2) Julgou-se desnecessário indicar as casas editoras das traduções em vernáculo destes diversos documentos. Fàcilmente se podem encontrar quer em fascículos ou separatas quer em revistas como a **Lumen, Selecção documental** (a partir de 1953), ou em revistas missionárias.

(3) É absolutamente indispensável para um frutuoso estudo dos problemas missionários um conhecimento não rudimentar do que é a Igreja Católica. Por isso cita-se esta encíclica como de interesse missionário. A tal propósito será útil a leitura do livro DE MONTCHEUIL, Yves, Aspects de l'Église, Paris 1951 — trata também do problema missionário. Igualmente útil será a leitura de SUENENS, Mgr. Préon Joseph, **l'Église en état de mission,** 3.ª ed. Desclée de Brouwer 1956. Existe uma tradução publicada no Brasil pela editora «Flamboyant», com o título: **Novos rumos da Igreja missionária,** S. Paulo 1956. — trata do apostolado em geral, procurando, como o título de tradução sugere, traçar-lhe novas perspectivas.

(4) Na indicação de revistas seguiram-se as directivas gerais adoptadas para esta selecção bibliográfica. Em PAVENTI, o. cit., p. 531-533 encontra-se um elenco bastante completo. Cfr. igualmente MONDREGANES, o. cit., p. 285-286 e 183.

(5) Quanto às revistas nacionais indicam-se pràticamente na quase totalidade. Assiná-las e propagá-las será também um meio de auxiliar as missões do Ultramar português. Todas têm carácter missionário.

SUMÁRIO DE 1957

Ano Cinematográfico — *Artur Lemos* ... 87
Ano Litúrgico, ano de vida — *F. Micael* ... 281
Arquitectura e Liturgia (A propósito da Igreja de Moscavide) — *Avelino Rodrigues* ... 132
Bíblia e Liturgia (A propósito do Congresso de Estrasbourg) — *P. José Ferreira* 286
Bíblia à luz da Igreja (A) — *Cláudio Teixeira* ... 149
Bibliografia sobre o Matrimónio ... 312
Bibliografia sobre Missionologia ...
Cantarinha — *Simões Dias* ... 207
Celebração Litúrgica do Matrimónio — *Paróquia de Belém* ... 298
Cerimonial do Baptismo — *João Morais* ... 237
Cristo Revelação de Deus. — *Padre J. A. de Sousa* ... 315
Cinema na Teologia Moral (O) — *José Vieira Marques*... ... 304
Das primeiras pinturas que tratam de Nossa Senhora e seu significado — *Francisco Nuno* ... 163
Dedicatória — *A. N.* ... 212
Escravatura branca — *Dr. João Afonso Viana da Costa* ... 94
Esquema de pregação litúrgica para o mês de Maio — *J. Rocha Alcobia* 124
Estudo de Sociologia (Um) — *António Carrilho* ... 50
Expansão da Acção Católica no Patriarcado — *P.e Manuel F. Falcão* 289
Factores de influência no comportamento espiritual das comunidades humanas *P. Manuel Falcão* ... 248
Família — Tema da Semana Social de Bordeus — *H. V. Franco* 307
Filosofia cristã e filosofias contemporâneas — *P. Honorato Rosa* 283
Filosofia cristã e filosofias contemporâneas (Cont.) — *P. Honorato Rosa* 320
Gentes da outra banda (A sondagem à prática religiosa nas paróquias da península de Setúbal em 1955 — *António Carrilho e Fernando Micael* 181
Inquérito sobre Cinema (Um) — *José Vieira Marques* ... 326
Mais um ano de trabalho — *Director* ... 245
Mártir São Vicente e a sua Liturgia (O) — *Gregorius* ... 1
Mártir São Vicente e a sua Liturgia (Cont.) — *Gregorius* ... 37
Mártir São Vicente e a sua Liturgia (Cont.) — *Gregorius* ... 76
Mártir São Vicente e a sua Liturgia (Cont.) — *Gregorius* ... 112
Ministros da Palavra — *J. Poças* ... 213
Missão Rural — *António Henrique* ... 139
Mistério de Cristo (O) — *Karl Adam* ... 177
Mistério de Maria (A propósito do mês de Maio) — *Filipe Rocha* 145
Mistério Pascal — *P. J. Ferreira* ... 109
«Movimento Litúrgico» e a sua repercussão no Patriarcado (O) — *Rev.o P. Adelino Narciso* ... 22
Novo ritual da liturgia dos defuntos em Bordeus — *António Crisóstomo* 241
Ofertório da Missa — *P. José Ferreira* ... 224
Países Sub-desenvolvidos e no futuro (Os) — *Fernando Belo* 141
Para uma visão eclesiológica do laicado — *João Rodrigues* 216
Perspectivas e problemas — *Luís Moita* ... 158

Perspectivas e problemas (Cont.) — *Luís Moita* 193
Pio XII fala de renovação cristã nos meios independentes 33
Portugal visto por olhos franceses — *Fernando Micael* 169
Portugal visto por um sacerdote espanhol — *João Canilho* 208
Problema das Imagens (O) — *Noronha Galvão* 198
Quaresma — *F.* 73
Sacerdotes e leigos na Acção Católica 56
Última Conferência do Padre Américo 11
Unidade do Amor (A) — *Alberto Neto* 17

C. SANTOS

LANIFÍCIOS

Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.

Qualidades para todos os preços. Exclusivos — Secção de cachecois e lanifícios de côr

DESCONTOS E PRAZOS

COVILHÃ

Casa Nun'Alvares

PORTO

626-Rua de Santa Catarina-630

Telefone - P. P. . { 23586 / 23587

ARTIGOS RELIGIOSOS
TIPOGRAFIA
OBJECTOS DE CULTO
LIVRARIA
PARAMENTOS

Enviam-se gratuitamente catálogos ilustrados com cerca de 300 desenhos e preços a quem os requisitar.

OURIVESARIA

ALIANÇA

Verdadeiro atelier de arte, conhecido no País e estrangeiro

As mais especializadas oficinas para a esmerada confecção de todos os objectos do culto católico

Rua das Flores, 191-121—Porto
Rua Garrett (Chiado,) 50-Lisboa

Cem anos!

VELAS DE CARDIGOS

J. d'Oliveira Tavares, Filhos

Telef. 5 B. Baixa-CARDIGOS

Primeiros fabricantes das velas de Cardigos cujas fábricas foram fundadas em 1850!

Casa antiquíssima preferida pelo Ex.mo clero do Continente, Ilhas e Províncias Ultramarinas

Premiada em 7 exposições
4 estrangeiras e 3 nacionais



FUNDADA
EM 1756

"Genáculo"

VINHO PARA MISSA

Com a aprovação de S. Ex.ª Rev.ma o Snr. Bispo do Porto

REAL COMPANHIA VELHA

PORTO

Rua das Flores, 69

LISBOA

Praça dos Restauradores, 14

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.A, L.DA

A casa mais antiga do País no seu género-**Fundada em 1832**-Rua da Vitória, 82-88—Rua do Ouro, 166-170

Lustres, Lanternas, Placas, Castiçais, Lâmpadas, Suspensões, Banheiras, Caldeiras, Esquentadores, Fogões de cozinha

Instalações sanitárias, Casas de banho, Pára-raios, Aquecimento central, Ascensores, Ventilação, Eléctricas, Contra incêndios, Telefone, Todos os trabalhos em latão e ferro forjado

AO SERVIÇO DO AUTOMOBILISTA

SACOR

A utilidade de um Posto de Abastecimentos não exclui o seu enquadramento nas belas e suaves paisagens da nossa terra

Assim pensa

A SACOR



REVISTAS DOS ALUNOS
DO SEMINÁRIO DE
CRISTO-REI — «OLIVAIS»